

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Psicologia

## **MITOLOGIA TUKANO: O RESGATE DE UMA IDENTIDADE**

Ana Helena Bastos Portugal

São Paulo  
2007

ANA HELENA BASTOS PORTUGAL

# MITOLOGIA TUKANO: O RESGATE DE UMA IDENTIDADE

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para graduação no curso  
de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr.  
Efraim Rojas Boccalandro

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2007

Ana Helena Bastos Portugal: Mitologia Tukano, o resgate de uma identidade, 2007.

Orientador: Prof. Dr. Efraim Rojas Boccalandro.

Palavras chave: mito; inconsciente coletivo; arquétipo; psicologia analítica.

## **Resumo**

O trabalho desenvolvido teve como objetivo analisar a mitologia Tukano para que, ao compará-la, principalmente, com as mitologias judaico-cristã e grega, perceber se haviam aspectos em comum entre as mesmas, através da pesquisa bibliográfica. Os aspectos comuns analisados, são os arquétipos correspondente entre as mitologias. Dessa maneira, pude confirmar a hipótese de que existem situações de vida tipificadas, imagens universais que são herdadas e que influenciam o comportamento humano, os arquétipos. Estes formam a mitologia de um povo e são conteúdos capazes de serem conscientizados através do processo de confrontação entre o consciente e o inconsciente coletivo. Para tal, primeiro fundamentei teoricamente os conceitos de inconsciente coletivo, arquétipo e mito para depois analisar no mito Tukano os temas comuns a outras mitologias. Como o arquétipo do velho-sábio, que se inscreve nessa mitologia indígena e na judaico-cristã, e como esse arquétipo está vinculado ao conceito do Mana. Há também o tema da transgressão, presente no mito de Adão e Eva, e Prometeu. Outra semelhança encontrada foi entre o personagem Wãhti Bisiu com seu ato de antropofagia e Crono que engolia seus filhos deuses. A realização desse trabalho tem como motivação pessoal trazer o conhecimento de uma mitologia tão pouco difundida entre nós, brasileiros, mas que circunda o inconsciente ético-cultural que compartilhamos. Visando a apropriação do mesmo, através dos símbolos que possibilitam essa apropriação, pois o inconsciente coletivo e os arquétipos não são alcançáveis diretamente. Assim, há a possibilidade de se conhecer um pouco mais do imaginário brasileiro.

## SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	5
II – OBJETIVO.....	5
III – MÉTODO.....	6
IV – FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL.....	6
V – MITO DE CRIAÇÃO TUKANO.....	8
VI – ANÁLISE.....	24
VII – CONCLUSÃO.....	30
VIII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

## INTRODUÇÃO

Sou filha de paraenses e desde pequena tive contato com a cultura amazônica, que sempre exerceu fascínio sobre mim com todas as suas cores, sabores e ritmos. Sempre tive curiosidade de saber como funcionava uma comunidade indígena com suas normas e ritos baseados em uma mitologia peculiar que, por muitas vezes, é desconhecida por nós brasileiros que habitamos a terra que um dia pertenceu somente a eles.

Ao longo da minha vida fui estudando outras mitologias e me deparei com a dificuldade de encontrar livros e artigos ligados aos índios brasileiros e sua cultura, os que encontrei, em sua grande maioria, eram de autores estrangeiros. O II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, em junho de 2000, foi decisivo para que meu interesse pelo tema aumentasse, foi um congresso realizado no Rio de Janeiro e visava debater a construção da identidade latino-americana.

Creio que o trabalho que pretendo desenvolver não só ajudará no resgate da minha identidade como também de outros brasileiros, valorizando uma cultura tão pouco difundida entre nós, mas que circunda o inconsciente étnico-cultural que compartilhamos.

Assim, pretendo fazer um recorte que focalizará os índios da nação Tukano do Alto Rio Negro, região noroeste do estado do Amazonas, estudando sua mitologia e seus símbolos oriundos, a partir da perspectiva junguiana.

Percorri um longo caminho para escolher qual nação eleger, pois gostaria de pesquisar alguma que estivesse um pouco menos em contato com nossa “civilização globalizada” e, por conseqüência, influenciada por nosso “modo operante”. Como num programa que assisti em que o índio morava em uma aldeia urbana e trabalhava como operário em uma fábrica, ganhando um salário mínimo e respondendo à pergunta da entrevistadora se o índio gostava de trabalhar.

Diante da perplexidade da devastação de culturas riquíssimas em símbolos pelo modo econômico vigente e o do seu direito de existir em sua singularidade pelo desaparecimento de seu habitat, escolhi essa nação por ser mais afastada de grandes centros urbanos.

Sob a égide do conceito de arquétipos, palavra derivada do grego *archétypon*, designando um padrão, modelo arcaico ou protótipo que influencia o comportamento humano, principalmente mediante o processo de identificação que faz os arquétipos atuarem alternadamente na personalidade total do sujeito ( Jung, 1971). Ao longo de minha pesquisa procurarei descobrir quais são os arquétipos regentes na cultura tukano e como estes são absorvidos no cotidiano da tribo, pois são conteúdos capazes de serem conscientizados e que dão origem à mitologia de um povo.

## OBJETIVO

Estudar a mitologia Tukano e compará-la, principalmente, com as mitologias judaico-cristã e grega. Através da comparação, tentar descobrir se existem arquétipos comuns entre essas mitologias.

## MÉTODO

Pesquisa bibliográfica das mitologias Tukano, judaico-cristã e grega para identificar as semelhanças simbólicas entre os mitos. Utilizarei Ñahuri e Kumarõ, Hesíodo e a Bíblia como principais fontes de consulta.

## FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Para Jung (1998) o inconsciente não teria apenas componentes de ordem pessoal como também de natureza impessoal e coletiva, os arquétipos, que constituem o inconsciente coletivo com suas imagens primordiais que existem desde o tempo mais remoto em seus níveis mais profundos e que seus conteúdos “ quando ativos, têm a propriedade não só de interromper o desenvolvimento, como também de fazê-lo regredir, enquanto não estiver consumida toda a energia ativada pelo inconsciente coletivo. Mas a energia será recuperada, quando pudermos tomar consciência dela pela confrontação consciente com o inconsciente coletivo.”(p.89)

Logo, há uma camada mais profunda do inconsciente que não tem origem em experiências ou aquisições pessoais mas, de natureza universal e inata, constituindo “ um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.”( Jung, 1971, p.86). Os instintos e os arquétipos formam o inconsciente coletivo, são uniformes e universais. Os arquétipos têm caráter imutável, são idéias e formas a priori, alcançáveis através de aproximações parciais ou de imagens de totalidade que estão no próprio modo de pensar e agir humano.

Esses tipos arcaicos são imagens universais que encontramos em todas as culturas e que formam fantasias inconscientes, se manifestando através de formas fundamentais e dominantes. Pode ser classificado como um “comportamento filogeneticamente programado”( Jung, apud Pieri, 2002, p.45), por serem fatores hereditários e universais que influenciam o comportamento humano; que tem possibilidade de representação através de um processo simbólico. Ou seja, síntese particular entre inconsciente e consciente, revelando o significado de um momento potencial. O arquétipo é herdado como um elemento estrutural, fator ordenado no inconsciente e a imagem “ordenada” percebida pelo consciente é uma variante subjetiva em cada indivíduo.

Através do arquétipo há a possibilidade de percepção e cognição das experiências do mundo e de si mesmo, como finalidade. Ele é uma força psicológica natural, fonte dos modelos das coisas sensíveis na mente humana. Com potência latente, surge a metamorfose de imagens que transforma a possibilidade em estado puro, já que não é alcançável diretamente. Principalmente através da identificação que os arquétipos “atuam alternadamente na personalidade total” ( Jung, 1971, p.58) do indivíduo, por representarem situações de vida tipificadas.

Para Eliade (2002), mito é “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (p.11), que narra o que ocorreu em um tempo primordial onde através da intervenção de Entes Sobrenaturais aconteceu a “criação”. Sua visão contrasta com o sentido de “fábula” ou “ficção” usualmente utilizada pelos eruditos ocidentais mas, o mito seria uma “história verdadeira” para aquelas sociedades arcaicas, que designa a origem do Universo, seu valor sagrado e a significação da existência humana, sendo de cunho religioso e metafísico.

Foi a partir de Xenófanes que os gregos foram destituindo o valor religioso e metafísico do *mythos*, mas para as sociedades em que o mito é “vivo”, sua narrativa sempre traz consigo uma realidade que passou a existir, seja ela total ou apenas de um fragmento.

*“...o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante”*(p.12)

É através da intervenção dos Entes Sobrenaturais que o homem se torna um ser mortal, sexuado e cultural. Essa intervenção dos personagens da narrativa que não pertencem ao mundo cotidiano, são dramas sagrados por não serem humanos, que ocorreu no “princípio”, ensinando os homens qual o significado de sua existência e como esta está relacionada com o existir do Cosmo.

O mito revelaria aos homens modelos de conduta, inclusive nos ritos, das atividades significativas como a alimentação, casamento, educação, arte, etc. O conhecimento do mito é importante porque através do poder mágico-religioso configurado nos rituais se repete o que ocorreu *ab origine*, saindo da esfera do profano, retornando ao sagrado e podendo assegurar a perpetuação da vida.

*“Em outros termos, a cosmogonia constitui o modelo exemplar de toda situação criadora: tudo o que o homem faz repete de certa forma, o “feito” por excelência, o gesto arquetípico do Deus criador: a Criação do Mundo.”* (p.34)

O Cosmo é o arquétipo ideal do criar e da criação, sendo uma obra-prima divina, tudo que se assemelha a ele é sagrado. A cosmogonia seria a representação de um tempo forte, pois foi o “receptáculo” da criação, precedendo toda e qualquer história individual.

O ensinamento nos mitos de conhecer a origem dos objetos, animais ou plantas, é extremamente importante nos rituais de cura ou de caça, por exemplo, em que ao conhecer se adquire um poder mágico-religioso que permite que se domine, multiplique ou se reproduza através da perpetuação os gestos feitos pelos Entes Sobrenaturais.

*“...não se pode realizar um ritual, ao menos que se conheça sua “origem”, isto é, o mito que narra como ele foi efetuado pela primeira vez”* (p.20)

A origem dos medicamentos está diretamente ligada ao mito cosmogônico, pois o retorno à origem traz a possibilidade de um renascimento do enfermo para que recomece a sua vida. Pois a vida não pode ser reparada, mas recriada através do retorno a fonte de energia que criou a vida e o mundo. Dessa maneira ritualística o enfermo mergulha simbolicamente nas forças que tornaram possível a criação e encontra a cura mágica para seu problema.

Para muitos povos, não basta conhecer o mito como também recitá-lo para proclamá-lo e demonstrar o conhecimento, adentrando na atmosfera sagrada dos eventos ocorridos *in illo tempore*, o que torna o indivíduo contemporâneo aos eventos e o faz compartilhar da presença de Deus, se distinguindo da experiência ordinária do cotidiano.

Ao reiterar o mito, o indivíduo evoca a presença dos Entes Sobrenaturais, deixando de viver

no tempo cronológico para viver no tempo primordial em que os eventos ocorreram pela primeira vez. Por isso o sentido de tempo forte do mito para o autor, é pois um tempo sagrado em que ocorreu algo de novo, forte e significativo que se manifestou de maneira plena e reviver esse tempo é a possibilidade de reintegrá-lo e reaprender a lição criadora dos Entes Sobrenaturais.

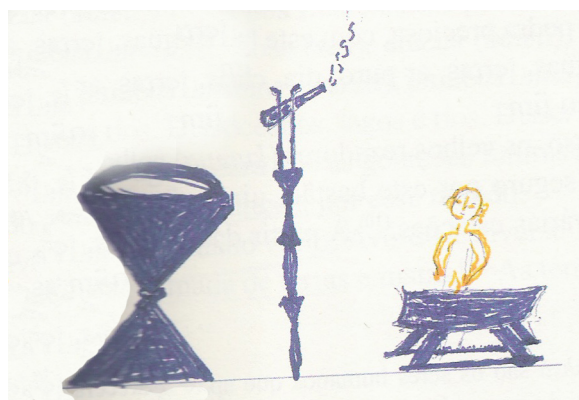
*“ Em suma , os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar” (p.22)*

## MITO DE CRIAÇÃO TUKANO

O relato a seguir é a cópia fidedigna da narrativa de Ñahuri e Kumarõ, em Mitologia sagrada dos Tukano Hausirõ Porã ( 2003).

### O Avô do Universo na criação do mundo

O Avô do Universo, Umuku Ñehku, é um ser que já existia nesse mundo. Ele vivia na Maloca do Céu, Umusé Wikhã. Na Maloca do Céu existia dia e noite, tinha terra no chão, tinha as partes do corpo que eram a lança-chocalho, forquilha de cigarro, cuia de ipadu, suporte de cuia, cabo de enxó, banco. Essas coisas só existiam dentro daquela casa. Com esses instrumentos e poderes, Avô do Universo, trabalhava dias, meses e anos, rezando.



Vendo esse mundo vazio e a escuridão lá fora, comia ipadu e fumava cigarro, pensando em como transformaria este mundo vazio, no que faria para criar seres humanos e animais, terras e águas. Ele ficava pensando nisso o tempo todo.

Certo dia, Avô do Universo teve várias idéias e começou a executar seus planos. Disse:

— Farei este mundo, *ati padi*, com águas, terras, matas, dia e ar, chuvas, nuvens e ventos, e também criarei seres humanos, Yepá Mahsã.

Avô do Universo começou seu trabalho. Pegou seu bastão, pôs-se de pé no meio deste mundo e disse:

— Com este meu bastão de pedra branca, de ouro, de diamante, de pedra preciosa, com este bastão sustento este mundo, com as águas, terras, ar puro, dia, chuvas, nuvens, ventos, que nunca terão fim.

Por isso, os velhos rezadores (kumua) costumavam dizer que o mundo, seguro por esse bastão, gira e faz rotações, acontecendo as várias estações. A partir daquele momento, com a

lança-chocalho de pedra ( utã boho yaigu) ia se formando o mundo em camadas. O Avô do Universo repetiu a mesma oração, levantando a primeira camada. Era a camada de águas. Desde a criação do mundo, Umuko Ñehku deixou esses rios de água doce dos quais nos alimentamos. Disse:

— Apareça a água desse mundo, que estas águas prevalecerão todo o tempo e não terão fim.

A partir daquele momento apareceu o rio Umari ( Wamu Dia) e as Malocas das Águas ( Diáwiseri). O Avô do Universo dividiu os grandes mares e lagos onde hoje em dia vivem os grandes seres aquáticos como baleias, jacarés, tubarões, golfinhos, pirarucus e cobras grandes. Nos pequenos rios existem peixes miúdos dos quais nos alimentamos: piabas ( seã), aracus ( botéa), tucunarés ( buuá), traíras ( doeá), surubins ( oreroá), piraíbas ( moa), etc. Também aparecem mares e oceanos, lagos e rios. Disse:

— Faço estas águas para que as gerações futuras se alimentem, para os animais aquáticos, por esse mundo.

Vendo que tinha dado tudo certo, Avô do Universo levantou a segunda camada, camada de terras e matas. As terras e matas apareceram a partir daquele momento e se estenderam por esse mundo inteiro fazendo grande barulho. Disse:

— Faço estas terras e matas para as gerações futuras morarem, para elas cultivarem e se alimentarem, para crescerem frutas da mata e animais selvagens.

A partir daquele momento, a terra começou a existir. Vendo que tinha dado tudo certo, terras e matas, começou a rezar, abençoando.

Uhtã boho pahsero

Base de terra de pedra branca

Uhtã kuhu pahsero

Base de terra de pedra preta

Uhtã buku pahsero

Base de terra

Uhtã waiuku pahsero

Base de terra de pedra lisa (parecida com ovo de pombo)

Uhtã bohó wamuti pahsero

Base de terra de pedra de várias cores ( parecida com arco-íris)

Taró uhtã pahsero

Base de terra de pedra vermelha

Ohpekõ pahsero

Base de terra de leite

Karãkó pahsero

Base de terra de sumo de frutinhas pretas e vermelhas de buiuiu ( cipó das capoeiras)

Tusuá kuburopu, pehká yuhsuó

Buró kuâ pi omé añuri pati, mahsã Bahuari pati

Ohpekõ pati karãkó mahsã bahuari pati

Espalhou e esfriou, transformando em ar puro, terra de aparecimento, terra de leite, terra de buiuiu de aparecimento.

Vendo que estava tudo dando certo, Avô do Universo levantou a terceira camada. Camada de dia e ar. Disse Avô do Universo:

— Faço dia e ar puro para este mundo para os animais e futuros seres humanos procurarem dias melhores e respirarem este dia e ar que nunca terão fim.

A partir desse daquele momento o dia e o ar começaram a existir. Não houve mais a noite.

Continuando seu trabalho, Avô do Universo disse, levantando outra camada, a camada de peneira de chuva:

— Faço esta peneira de chuva para fortalecer este mundo do universo, para regar toda esta base de terra, para seres humanos, animais selvagens e animais domésticos viverem saudáveis.

A partir daquele momento, a chuva começou a cair na terra em forma de gotículas.

— Esta primeira chuva nunca terá fim.

A partir daquele momento a peneira de chuva começou a existir no espaço, invisível.

Dando tudo certo, Avô do Universo levantou outra camada, a camada das nuvens. Avô do Universo disse:

— Faço esta camada de nuvens para transformar as águas nesse mundo do universo, produzindo nuvens.

Foi a partir daquele dia que as nuvens começaram a existir, de várias formas como nuvens brancas ( buhtise ome kurari), nuvens vermelhas ( sōase ome kurari), nuvens azuis ( yasañise ome kurari), nuvens pretas ( ñiisé ome kurari).

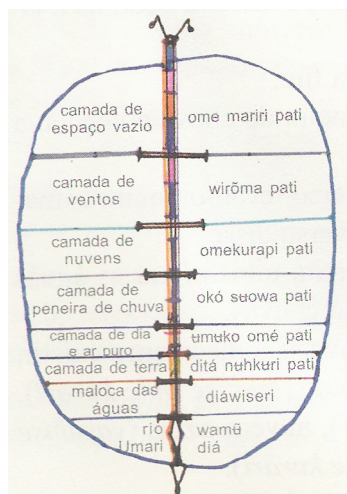
Avô do Universo, vendo que estava tudo dando certo, finalizando seu trabalho levantou a sexta camada, camada de ventos fortes. E disse, abençoando:

— Faço esta camada de ventos fortes para circular em todo esse mundo inteiro, para fortalecerem o ar puro, para os seres humanos viverem saudáveis, para os animais deste mundo, para as plantas e matas germinarem. Esta camada de ventos nunca terá fim.

Foi a partir daquele momento que os ventos fortes (wirōma pati) começaram a existir.

Vendo que a sexta camada tinha dado certo, seguiu pensando que estava faltando ainda a camada de espaço, onde não tem mais ar ( ome mariri pati). Acima disto não existe mais nada. Avô do Universo disse que esta camada não possuiria gente, mas seres invisíveis como na Maloca do Céu. Que essa camada nunca terminaria nesse universo.

Naquele momento o universo fez um barulho tremendo, tuuuuuuu, tuuuuuuuuuuu...



## Primeira criação dos seres humanos

Vendo que estava dando tudo certo na criação do mundo, Avô do Universo disse:

— Vou continuar minha criação, estão faltando os seres humanos. Eles se chamarão Yepa Mahsã ou Bahuari Mahsã.

Pensando reagiu e disse:

— Criarei nesse mundo seres humanos segundo minha aparência; estes trabalharão segundo meu espírito, possuirão grandes poderes para ajudar nesse mundo do universo, serão os primeiros desta terra na qual já deixei tudo desde a criação, na qual deixarei todos os trabalhos antes da terceira criação dos seres humanos.

Dito isso, Avô do Universo pegou seu banco de quartzo branco e se sentou, mostrando seus poderes: suporte de cuia e cuia de ipadu. Pegou um pedaço do osso da coluna vertebral, encaixou-o na forquilha de cigarro e disse, fazendo a oração.

Karãkó mahsã bahuaridá,

Cordão umbilical de aparecimento de leite

Ohpekõ diró,

Terra de leite

Karãkó mahsã bahuaridá, duká buhuridá,

Cordão umbilical de aparecimento de frutinhas de cipó das capoeiras de fruta grande

Karãkódá, duhká mimidá,

karãkó weri sopodá,

Cordão umbilical de fruta pequena, de fruta média

Cordão umbilical de espuma

Ohpekõ weri sopodá, mahsã bahuaridá,

Cordão umbilical de leite de espuma, de aparecimento

Ohpekõ diró mahsã diró amesuópeopi,

Sangue de leite, sangue de gente, abençoou

Mahsã bahuari sarirõ,

Suporte de cuia de aparecimento de gente

Karãkó sarirõ,

Suporte de cuia de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras

Ohpekõ sarirõ,

Suporte de cuia de leite

Mahsã bahuari wahatoró,

Cuia de aparecimento de gente

Uhtãbohó wehtá waharó,

Cuia de pó de ipadu de pedra

Karãkó weri sopó waharó,

Cuia de espuma de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras

Ohpekõ weri sopó waharó...

Cuia de espuma de leite

Ku kahtisé kumu mahsã bahuari kumurõ,  
Ele, banco da vida, banco de aparecimento da gente  
Mahsã bahuari uhtã bohó kumurõ,  
Banco de aparecimento de pedra branca  
Mahsã bahuari siõpuri kumurõ, karãkó kumurõ,  
Banco de aparecimento de ouro  
Banco de frutinha de cipó das capoeiras  
Ohpekõ kumurõ, karãkó weri sopó kumurõ,  
Banco de leite, banco de sumo de frutinha de cipó das capoeiras  
Ohpekõ weri sopó kumurõ,  
Banco de espuma de leite  
Mahsã bahuari kumurõ pehká yuhsuó tuwesapi,  
Esfria o banco de aparecimento, benze  
Kuã kahtisé dahsiatu  
A vida e o coração dele  
Uhtã bohó duhpu miñe nohãpi,  
Pegou forquilha de cigarro de pedra branca e disse  
Karãkó duhpu, ohpekõ duhpu,  
Forquilha de frutinhas de cipó das capoeiras, forquilha de leite  
Mahsã Bahuari duhpu,  
Forquilha de aparecimento  
Karãkó murõrõ,  
Fumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ murõrõ nígutá putikeóp)...  
Fumo de leite, soprou nesses...

Terminada a oração, Avô do Universo soprou a fumaça do cigarro bem na direção de suas criações, o suporte de cuia e a cuia de ipadu. O suporte de cuia começou a se mexer e fazer barulho, mas sumiu. Avô do Universo insistiu.

Vendo que não estava dando certo, pensou e disse:

— Eu estava criando. Vou continuar.

Dizendo isso, Avô do Universo pegou sua forquilha de cigarro e se sentou embaixo abençoando...

Karãkó kumurõ  
Banco de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ kumurõ  
Banco de leite  
Mahsã bahuari kumurõ  
Banco de aparecimento

Dizendo isso, diminuiu o calor de seu banco de quartzo branco. Continuou repetindo a mesma oração em todos os seus poderes:

Karākó mahsã bahuaridá  
Cordão umbilical de aparecimento de frutinhas de cipó das capoeiras  
Karākó diró, ohpekó diró  
Sangue de frutinhas de cipó das capoeiras, sangue de leite  
Karākó mahsã bahuaridá  
Duhká bahuaridá  
Cordão umbilical de aparecimento de frutinhas de cipó das capoeiras de fruta grande

Karākódá duká mimidá  
Cipó de karākó de fruta pequena  
Karākó weri sopodá, mahsã bahuaridá  
Cordão umbilical de espuma e cordão de aparecimento  
Ohpekõ diró mahsã diró amesuoepopi  
Sangue de leite e sangue de gente, abençoou  
Mahsã ohpekõ diró mahsã diró amesuoepopi  
Gente de leite, gente de sangue, abençoou  
Mahsã bahuari sarirõ  
Suporte de cuia de aparecimento  
Karākó sarirõ  
Suporte de cuia sumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ sarirõ  
Suporte de cuia de leite  
Mahsã bahuari wahatoró  
Cuia de aparecimento  
Uhtã bohó wehtá waharó  
Cuia de pó de ipadu de pedra branca  
Karākó weri sopowaharó  
Cuia de espuma de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ weri sopowaharó  
Cuia de espuma de leite  
Ku kahtisé kumu mahsã bahuari kumurõ  
Banco de vida, banco de aparecimento  
Mahsã bahuari uhtã bohó kumurõ  
Banco de aparecimento de pedra branca  
Mahsã bahuari siõpuri kumurõ, karākó kumurõ,  
Banco de aparecimento de ouro  
Banco de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ kumurõ, karākó weri sopo kumurõ  
Banco de leite, de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras, banco de espuma  
Ohpekõ weri sopo kumurõ  
Banco de espuma de sumo de leite  
Mahsã bahuari pehká yuhsuó tuúwesapi...

Banco de aparecimento, esfriou e abençoou  
Kuâ kahtisé dahsiatu  
A vida e o coração dele  
Uhtã bohó dupu miñe nohãpi,  
Pegou a forquilha de cigarro de pedra branca, dizendo  
Karãkó duhpu, ohpekõ duhpu  
Forquilha de cigarro de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras, forquilha de cigarro de  
leite

Mahsã bahuari duhpu  
Forquilha de cigarro de aparecimento  
Karãkó muro  
Cigarro de sumo de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ muro nigutá putikeopui  
Dizendo, ele soprou a fumaça do fumo de leite

Terminando a oração, Avô do Universo soprou bem na direção da criação. Viu que começou a se mexer, fazendo barulho dentro da cuia e apareceu, pulando da cuia com os raios, tão enfeitado que nem dava para enxergar, com brincos e colares de ouro.

Avô do Universo, vendo que deu certo sua criação, abençoou:

Karãkó diró mahsã  
Gente do sangue de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ diró mahsã...  
Gente do sangue de leite

Abençoou, diminuindo seu calor.

Agora o mundo começa. Estava faltando essa criação. Já tem humanos. Avô do Universo estava na maloca do Yepá Wikhã, a Maloca do Céu. Havia dez bancos. Avô do Universo pegou sua forquilha de cigarro de pedra branca e deu um lugar para o primeiro se sentar.

Vendo que dava certo, abençoou repetindo a mesma oração. Terminada a oração, logo e sem demora mais um saiu da cuia com os raios. Avô do Universo pegou seu poder, a forquilha de cigarro, e abençoou:

Karãkó diró mahsã  
Gente do sangue de frutinhas de cipó das capoeiras  
Ohpekõ diró mahsã...  
Gente do sangue de leite

Abençoou, diminuindo seu calor.

Deu lugar para este segundo se sentar.

Vendo que deu tudo certo com os dois, Avô do Universo repetiu novamente a mesma oração. Terminando a oração, pularam da cuia, saindo um atrás do outro, mais oito pessoas, três homens e cinco mulheres.

Avô do Universo disse novamente:

— O mundo estava vazio depois de minha primeira criação. Agora este mundo começa a ter seres humanos. Eles se chamarão Yepá Bahuari Mahsã, ou Tohó Buhakãri Mahsã ( que aparecem por si mesmos).

### **Avô do Universo divide os Yepá Mahsã Seu trabalho é dar nomes**

Vendo que estava dando tudo certo em sua criação, continuou seu trabalho.

Avô do Universo pegou seu cigarro e começou a fumar. Lambeu um pouquinho de ipadu.

Vendo que todos eles tinham a mesma aparência, disse:

— Você, o primeiro a sair da cuia, será Yepá Oãku, ou Yepa Muhipu.

Era a Lua e , ao mesmo tempo, Siõpuri Diró Mahsu (pessoa de ouro). Continuou:

— Você dominará este mundo todo, dará luz às noites. Você primogênito, e seus irmãos cuidarão deste mundo e seu lugar será aqui na Maloca do Céu.

Ao segundo que saiu da cuia:

— Seu nome será Dehsubari Oãku, seu trabalho será a caçada, pescaria, fazer roças, caxiri, dabucuris e danças cerimoniais para as futuras gerações.

Ao terceiro que saiu da cuia:

— Seu nome será Warãri Oãku. Você será o dono dos venenos e seu trabalho será o de procurar mulher. Você deixará todos os trabalhos por esse mundo.

Ao quarto a sair da cuia, disse:

— Seu nome será Yupuri Basebo. Você será o dono das plantas e seu trabalho será o de preparar a roça e plantar. Possuirá grandes poderes para ajudar nesse mundo.

Ao quinto, disse:

— Seu nome será Buhtuiari Oãku. Você será mestre da natureza, cuidará de todos os animais nesse mundo do universo.

Depois vieram as mulheres:

Amo ou Yepárió, você trabalhará na virada do sol, em direção ao pôr do sol; Yupahkó na foz dos rios; Yepãñiõ, Pirõduhió e Duhigó ficarão comigo na Maloca Yepá Wikhã.

Dizendo isso, completou:

— Vocês mulheres serão prestigiadas nesse mundo do universo e ajudarão meus trabalhos até as futuras gerações.

Terminando tudo isso, Avô do Universo ainda disse:

— Conforme ordenei a vocês, cada um siga seu rumo, comecem seus trabalhos a partir de hoje, que já distribuí todos os trabalhos nesse mundo.

Todos eles partiram. Essa foi a primeira criação dos seres humanos. Hoje as tribos Tukano são Yepa Mahsã ou Ñami Diró Mahsã ( Gente da Noite).

## Segunda criação dos seres humanos

### *Opaturi ku[-] mahsã emamikaro*

A Avó do Universo já existia, morava primeiro no poente, na Porta da Anta de Ouro, *Sĩopuri Wehku[-]jya Sohpe*. O Avô do Universo convidou-a para ajudar em seu trabalho. Juntos e ainda com outras pessoas da geração (*aperã mahsã kurari amakaró*), muito tempo depois da criação do universo, teve a idéia de continuar esse trabalho, pensando em criar seres humanos como hoje. A primeira humanidade não resultou no que é hoje, não gerava. O Avô do Universo queria fazer outra criação, porque aqueles se casavam com qualquer animal. Ele queria criar uma descendência como a de hoje.

Avô do Universo trabalhava dia a dia na maloca *Yepá Wikhã*, muito tempo. Um dia, Avô do Universo disse para sua companheira, *Yepá Numiõ*:

— Eu sozinho já criei este mundo com todo o meu poder, a primeira criação, dos seres humanos. Você ajudará em todo trabalho da minha segunda criação.

E continuou:

— Vamos fazer assim, *Yepá Numiõ*...

Procurou as árvores do mundo inteiro, apresando-as com seus poderes, lançou raios do trovão sobre elas, transformando-as em sangue dos seres humanos. Com isso apareceram pessoas que conversavam, fazendo barulho. Avô do Universo disse:

— Está bom, *Yepá Numiõ*, já encontramos pessoas, acertamos em nosso trabalho.

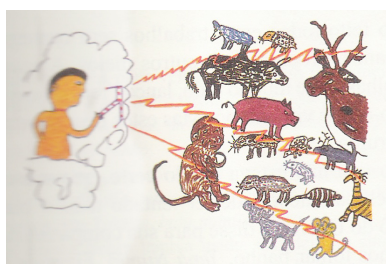


Mas depois todas estas pessoas que tinham aparecido com os raios sumiram. Vendo que seu primeiro trabalho não tinha dado certo, teve outras idéias. Explicou para sua companheira *Yepá Numiõ*:

— Vamos fazer assim...

Juntaram então todos os animais deste mundo como porcos do mato (*iesesá*), veados (*ñama*), pacas (semeã)... todos os animais, lançando os raios de trovão sobre eles, transformando-os em pessoas que começavam a falar mas, por fim, também desapareciam.

— Não está dando certo, *Yepá Numiõ*, vamos fazer assim...



E tiveram outras idéias. Procuraram todos os paus, troncos e folhas nesse mundo e lançaram os raios do trovão sobre eles. Começaram a dar sinal de vida de pessoas, mas novamente sumiram.



Tendo feito todos estes trabalhos sem conseguir criar os seres humanos, procurou por outros meios. Ajuntou todos os galhos e folhas deste mundo todo, lançou relâmpagos sobre eles, amassando-os até virarem pó. Mas estes nem deram sinal, nem fizeram barulho.

Vendo que não estava dando certo, que sua criação não formava pessoas, depois de ter tentado tudo o que tinha em mente, Avô do Universo disse a sua companheira:

— Vamos tomar banho, Yepá Numiõ. Fizemos tudo o que devíamos fazer, mas não conseguimos. Trabalhamos dia após dia. Vamos procurar outros trabalhos de criação.

Os dois desceram ao porto conversando, criando novas idéias. Enquanto isso, Bahuari, Mahsã e Numiã correram e foram ver escondidas. Falaram entre elas:

— Por que estes dois trabalham dia após dia nesse lugar, nesse quarto?

Dentro da Maloca Yepá Wikhã, Maloca Uhtã Bohó Wikhã, num de seus quartos, havia um cercado de parís de pedra branca. Dentro desse cercado estava uma mesa de quartzo, de pedra branca, uma forquilha de cigarro e um cigarro de gerar humanidade. Havia ainda um suporte de cuia e, em cima dele, estava a cuia transformadora da humanidade, Mahsã Bahuari Waharó.

Estas três mulheres, Yepániõ, Pirõduhió e Duhigó chegaram espiando, encostando-se ao cercado de pari. Enquanto as mais velhas estavam espiando, Duhigó, que era a caçula e a mais corajosa, abriu o cercado de pari, entrou no quarto e viu que ali estava o suporte de cuia com a cuia de gerar a humanidade.

Viu que esta cuia era muito bonita. Pegou a colher de osso de veado usada para comer ipadu ( uhtã bohó pi) e lambeu. Na mesma hora, a cuia ficou visivelmente mais vazia, percebia-se a marca no ipadu. Duhigó tentou dar um jeito de completar aquele pedaço. Não conseguindo saiu do quarto.

Naquela hora já ficou gestante, começando um barulho na sua barriga que ecoava até o seio.

Voltando do banho, Avô do Universo e sua companheira entraram no quarto e logo viram um sinal na cuia de ipadu. Vendo isso, Avô do Universo disse:

— Já trabalhamos muito tempo e não conseguimos, mas agora chegou a nossa sorte! Vamos ver daqui em diante, minha companheira Yepá Numiõ, vamos ver o que acontece daqui para a frente.

Duhigó não ficou gestante um ano. Não demorou para dar a luz. Não foi como hoje, em dois a três meses o nenê já estava para nascer. Duhigó foi como os pés de ingá, cunuri, japará e uacu que florescem e depois de três meses dão frutas. Quando completou os meses de gestação, era justamente a época dessas frutas.

Estas mulheres Bahuari, Mahsã e Numiã eram como homens, só possuíam um buraquinho para urinar, nem tinham vagina para gerar filhos. No princípio era muito difícil. Quando começou a dar frutas, Duhigó começou a sentir as dores do parto.

Como não tinha vagina, sentiu muitas dores e ficou pulando para lá e para cá, pisando nos troncos, nos cupins, nos tocos. As outras mulheres começaram a benzer, usando orações como pisékamõri ( aturá pequeno usado pelas mulheres para guardar espelhinho, pintura, etc) basesé, tusasépiseri ( bolsa de tururi utilizada para guardar o mesmo tipo de coisa) basesé, watikéopó piõke basesé (tipiti). Todas essas orações Bahuari Mahsã Numiã usaram em sua cerimônia, sem dar resultado. Elas conheciam bem essas rezas, mas não eram eficazes para abrir a vagina.

Vendo que os trabalhos de Yepá Numiã não estavam dando certo, Avô do Universo fez uma oração para que as mulheres dormissem profundamente. Até Duhigó dormiu apesar de tantas dores.

Percebendo que elas dormiam tranqüilas, Avô do Universo pegou um dente de acutuaia (bosó), transformando-o em dente de pedra branca com oração. Ficou afiado como lâmina. Pegou também uma cuia de pedra branca, deixando-a embaixo das coxas de Duhigó e abriu uma vagina. A criança caiu dentro da cuia chorando —“ Oeieieiei aure bagu”. Isso quer dizer, na língua desana, “comerei meus parentes”, como de fato iria acontecer depois.

Quando viu que tudo estava dando certo, Avô do Universo pegou outra cuia para cobrir a primeira, levando-a ao último quarto de paris.

Procurou nesse mundo do universo o sapo chamado mekãtaro, transformando-o numa criança e deixando-o perto da mãe. Avô do Universo disse:

— Este é o filho com o qual você quase perdeu a vida.

A mulher, Duhigó, não acreditou nesse fato. Agarrou Avô do Universo dizendo:

— Este não é meu filho, meu filho era gente como eu!

Repetiu três vezes a mesma coisa.

Ouvindo a mulher repetir três vezes, Avô do Universo respondeu:

— Sim, seu filho está guardado no último quarto cercado de paris.

Dizendo isso, ele foi até lá pegar a criança, trouxe e disse, entregando-a:

— Aqui está o filho que tanto você procurou!

Vendo aquela criança, a mulher disse:

— Eu estava procurando este meu filho gente.

E o pegou, agradando a criança. Vendo a mãe agradecer o filho, Avô do Universo tomou a criança de seus braços e levou-a de volta para o último quarto da maloca. Naquele momento, a criança já estava na fase de se levantar e engatinhar.

Depois de pouco tempo, a mãe pediu novamente para ver o filho. A criança já estava na maturidade, era jovem e estava se iniciando. Obedecendo ao pedido da mãe, Avô do Universo abriu o cercado de pari. Trouxe acompanhando-o e mostrou pela segunda vez o filho a Duhigó. Dessa vez ele não chegou perto dela. Já era moço e disse a sua mãe:

— Não posso chegar perto da senhora pois estou perigoso, tenho várias doenças em meu

corpo.

Isto acontecia porque ele havia nascido acompanhando o desenvolvimento das frutas, que são perigosas e venenosas. Vendo-o falar sobre isso, a mãe agradeceu ao filho amado.

Foi quando completou a juventude. Havia todos os frutos da mata. Era o início dos trabalhos da vida dele. Era o tempo do amadurecimento das frutas e ele ia acompanhando todas as frutas desse mundo. Por isso ele ficou mais conhecido como Filho das Frutas do Mundo do Universo: uacu, japurá, umari, cunuri, açai, japurá grande, todas as frutas que existiam nesse mundo eram dele. Ele era dono das frutas, essas frutas eram parte de seu próprio corpo. Patauás e bacabas eram seus colares; frutas de paxiúba, suas pulseiras; umaris, seu colar de quartzo; cunuris e uacus, que são bem lisos, eram outras partes de seu corpo.

Quando todas as frutas da mata começaram a espocar, o filho de Duhigó já estava grande e bonito, bonito como essas frutas bem brilhosas às quais ele estava acompanhando nessa época.

Os Umukori Mahsã começaram a fazer festas, cerimônias com as flautas sagradas (miri), cuidando da primeira fase da maturidade (por volta dos quinze anos). Iniciada essa festa, fazem todo tipo de barulho por essa terra. Na maloca Uhtã Bohó vivia Wãhti Bisiu. Atento, Wãhti Bisiu logo que escutou esse barulho desceu de sua maloca até a maloca dos seus companheiros Umukori Mahsã.

Chegando lá, foi bem recebido. Logo no início de sua conversa, disse que cuidaria dos filhos deles, ficando com eles por algum tempo. No entanto, Wãhti Bisiu estava com outras idéias, pelo fato de seus companheiros terem adiantado as cerimônias, realizando-as antes do tempo devido.

Os pais dos jovens aceitaram o pedido dele. Cinco pessoas foram para o lugar indicado. Wãhti Bisiu estava zangado porque eles não tinham pedido licença para tocar as flautas sagradas. Então, levou-os para a mata.

Chegando lá, encontraram um pé de uacu. Viu que aquela árvore tinha muitos frutos maduros e mandou que fizessem fogo, um fogo grande.

Quando o fogo estava grande e com muita brasa, Wãhti Bisiu disse a eles:

— Vocês aguardem aqui. Eu vou trepar nesta árvore! Fiquem recolhendo todas as frutas que eu vou espocar, mas cuidem bem do fogo, não deixem cair nenhuma fruta em cima do fogo.

Tendo dado esses conselhos, Wãhti Bisiu trepou na árvore, escolhendo um grande galho e batendo com uma vara nas frutas de uacu (simiõ), que se espocavam.

Não demorou nada e Wãhti Bisiu já percebeu a queima do uacu. Desceu da árvore, dizendo:

— Dei ordem a todos vocês! Mas vocês não estão cumprindo, nem souberam cuidar do fogo.

Na verdade, ele mesmo estava procurando aquilo. Começou então a fazer tempestade, wirõrõ, acompanhada de forte chuva.

— Vocês não cumpriram minhas ordens! Vão procurar palhas!

Eles foram procurar palha, mas não encontraram. Sem demorar, Wãhti Bisiu pulou e se transformou em maloca de pedra branca, chamando os meninos com voz forte:

— Venham cá! Aqui tem um bom lugar para passarmos a chuva!

Vendo aquele lugar, aquela casa, todos entraram menos um. Logo, sem esperar, ele fechou as portas, ficando do tamanho de uma pessoa.

Daqueles cinco, o caçula tinha ficado encostado ao pé da árvore grande, esperando passar

a chuva. Quando passou, ele foi atrás dos colegas mas não os encontrou. Só achou Wãhti Bisiu. Vendo que ele tinha escapado, ficou com muita raiva e perguntou:

— Chegou de onde?

— Eu estava encostado bem no pé da árvore grande.

Wãhti Bisiu, com toda aquela raiva, disse ainda:

— Vocês não escutaram meus conselhos... Venha comigo!

Ele acompanhou até a Maloca de Pedra Branca, Uhtã Bohó Wikhã.

Voltando à sua maloca, Wãhti Bisiu todos os dias sentia cansaço e dormia profundamente. Depois de quatro dias os meninos apodreceram dentro da barriga dele. Ele arrotava, soltando fedor horrível pela boca, e perguntava:

— Você está gostando do meu perfume?

— Estou gostando sim, respondeu o menino.

Caso ele respondesse o contrário, “não estou gostando de seu fedor”, Wãhti Bisiu poderia acabar com a vida dele.

Todas as vezes que soltava seu fedor, a maloca ficava cheia de odores horríveis.

Na Maloca de Pedra Branca estavam penduradas muitas espigas de milho. Sentindo tanta fome, o menino pediu:

— Uhtã Bohó Yaí ( o outro nome do Wãhti Bisiu), eu quero comer espigas de milho!

Vendo-o sentir tanta fome, Wãhti Bisiu se levantou, pegou uma espiga pendurada e entregou-lhe, dando conselhos:

— Cuide de assar bem essa espiga no fogo.

Quando o menino terminou de comer aquela espiga, levou o sabugo ao fogo, deixando-o em brasa, e foi queimando e fazendo buraco na parede para sair daquela maloca. Aquela maloca não tinha portas, era totalmente cercada de pedra branca. Só seu dono tinha o poder de abrir.

Toda vez que ia queimando com a brasa do sabugo, espocava. E Wãhti Bisiu perguntava:

— O que é que está acontecendo?

E o menino respondia:

— É o caroço do milho que está espocando.

E Wãhti Bisiu dizia:

— Eu já falei com você, já dei meus conselhos e mandei assar a espiga direitinho.

De fato, aquele menino enganava. Vendo que Wãhti Bisiu estava dormindo tranqüilo, foi de novo perto do fogo queimando o sabugo de milho. Depois de três vezes, aquela espiga acabou.

Acabando aquela espiga, pediu novamente:

— Uhtã Bohó Yaí, dá mais outra espiga!

Ouvindo isso, Wãhti Bisiu se levantou, pegou e deu outra espiga dizendo:

— Asse bem essa espiga! Vocês não seguiram meus conselhos desde o início.

O menino comeu muito rápido aqueles grãos de milho, foi até o fogo, queimou o sabugo e continuou seu trabalho. Não demorava nada e já espocava ‘póooo’, fazendo um grande barulho.

Wãhti Bisiu acordou assustado e disse:

— Dei a espiga de milho para você assar bem distante do fogo.

No entanto, não era grão que estava espocando. O que estava espocando era a parede de pedra branca, fazendo este barulho.

Quando novamente dormia tranqüilo, o menino ia de novo ao fogo. Com o sabugo bem

aceso, foi soprando e, por sorte, com esse pedaço do sabugo conseguiu abrir um buraco bem redondinho. Transformou-se num pássaro chamado Kai Pañerō ( uma espécie de papagaio).

Kai Pañerō, saindo daquele buraco, viu que tinha um pé de pupunha bem na direção da porta da maloca com muitos cachos bem baixinhos. Tendo visto tudo, entrou, tapando o buraco com sabugo de milho sem fazer barulho. Kai Pañerō planejou como iria fugir.

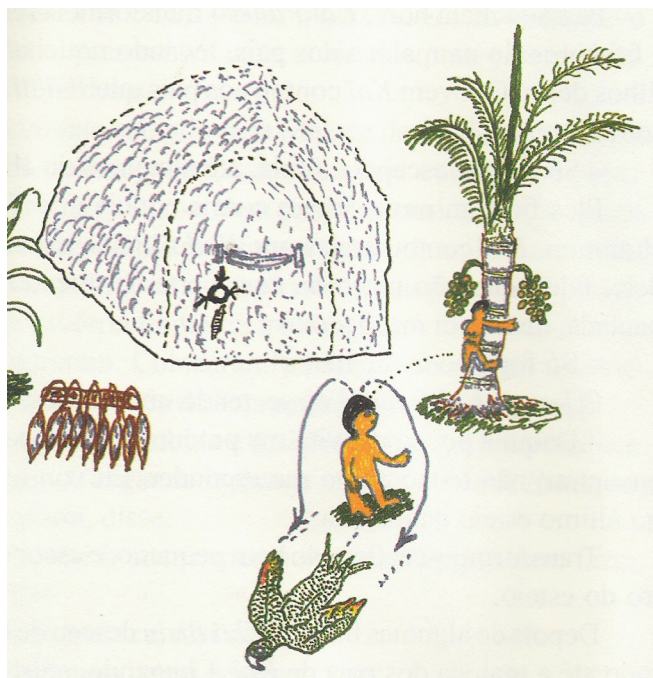
Kai Pañerō disse:

— Uhtã Bohó Yai, quero comer pupunha! Já comi espiga de milho mas não fiquei satisfeito!

Ouvindo isso, Wãhti Bisiu se levantou, pegou seu brinco de pedra preciosa siõpuri e foi abrindo as portas. Os dois saíram. Assim que eles saíram, a porta se fechou fazendo barulho 'ta um um'.

Wãhti Bisiu disse:

— Você, Kai Pañerō, fica aqui no pé de pupunha aguardando. Eu vou trepar nela.



Na origem, o pé de pupunha não tinha espinho e dava fruto bem baixinho.

Kai Pañerō já sabia como fugir.

Cada vez que Wãhti Bisiu trepava, o pé de pupunha ia se esticando, ficando bem alto. Quando Wãhti Bisiu estava no alto, Kai Pañerō fugiu da Maloca de Pedra Branca Uhtã Bohó Wikhã, voando imediatamente e gritando 'Kai, Kai, Kai' circulando nesse mundo com toda velocidade, em direção ao ingazeiro dos pais.”

Vendo-o fugir, Wãhti Bisiu desceu da pupunheira rapidamente e correu atrás de Kai com toda a sua força, envolvendo todo esse mundo com tempestade, mas não conseguiu alcançá-lo.

Kai Pañerō já tinha chegado nos ingazeiros, e descansava e comia ingás, depois de tanto esforço.

Passada meia hora, Kai Pañerō transformou-se em pessoa e foi entrando na maloca dos pais, levando notícias tristes dos filhos deles. O jovem Kai contou aos pais que Wãhti Bisiu tinha comido seus filhos:

— Só eu que escapei e fui lá, até a maloca do Wãhti Bisiu.

Eles ficaram muito tristes com a notícia que Kai trouxe e choraram. Kai contou a eles que Wãhti Bisiu, estando na casa dele, falou que não morreria com corte de terçado, nem com paulada,

nem com machado:

— Só fogo pode me matar!

O jovem Kai Pañerō disse, tendo uma idéia:

— Daqui a pouco ele virá me procurar, acho que ele vai me encontrar, não tenho como me esconder. Eu vou me esconder no último esteio da maloca.

Transformou-se, ficando bem pequeno, e escondeu-se dentro do esteio.

Depois de algumas horas Wāhti Bisiu desceu de sua maloca, indo até a maloca dos pais de Kai. Chegando, entrou dizendo:

— Cadê seu filho? Ele fugiu de mim!

Disse gritando com raiva.

— Seus filhos não têm pensamento, não sabem de nada!

E eles responderam:

— Nós te entregamos nossos filhos.

— Vocês esconderam ele de mim! Vocês estão me enganando!

No meio dessa discussão, ele saiu procurando em todos os quartos da maloca. Por fim, pegou seu brinco de pedra branca de ouro e foi rachando os esteios da maloca. Só faltava aquele esteio onde Kai se escondera.

Sem encontrá-lo e sem vê-lo, Wāhti Bisiu voltou de novo para sua maloca, pois estava com medo dos pais, já que tinha engolido os filhos deles.

Depois que saiu subindo para a Maloca de Pedra Branca, Kai Pañerō saiu do seu esconderijo, continuando a contar aos pais:

— Vocês, meus pais, mandem preparar caxiri, que quero levar para ele. Pois ele disse: “façam caxiri de milho, caxiri de caroço de umari bem forte ou caxiri de batata comprida”. Também disse que preferia tomar na maloca dele.

Eles prepararam. Colocaram o caxiri num camoti e estragaram a vida dele através de sopro, com um cigarro grande.

Eles entregaram a bebida e Kai Pañerō levou até a Maloca de Pedra Branca. Chegando lá, bateu na porta. Wāhti Bisiu ouvindo bater à porta, disse:

— Entre, você é homem, meu neto. Assim é que deve fazer gente entendida!

Entrando na maloca, Kai disse:

— Meus pais mandaram isso para você.

E foi entregando o pote de caxiri. Wāhti Bisiu pegou, tomando de uma vez. O menino entregou o cigarro aceso. Wāhti Bisiu pegou e foi fumando. Depois de três puxadas o cigarro acabou.

Acabando de receber tudo isso, Wāhti Bisiu disse para seu companheiro Kai Pañerō:

— Quero mandar notícias para seus pais com você. Se eles querem me matar, se querem acabar com a minha vida, mande-os descascarem os pés de ingazeiros.

Eles juntaram todos os ingazeiros desse mundo com seus poderes. Quando todos os pés de ingá estavam secos, reuniram-se para fazer caxiri. Prepararam caxiri de várias misturas e mandaram convidar Wāhti Bisiu.

No dia seguinte, Wāhti Bisiu já fazia barulho com as flautas sagradas miriãporã, acompanhado das Gente Ave (Miriã Porã Mahsã), que representavam todos os grupos indígenas. Fazendo esse barulho, ia descendo do lugar onde ele tinha ido com os filhos deles, Miriã Utu. De lá, partiu na

direção da maloca Umukori Mahsã. Entrou cumprimentando a todos e agradecendo pelo convite.

Eles ofereceram banco para se sentar, e seguiram oferecendo caxiri feito de estrago para a vida dele, com cuia grande, ñamáro waharó. Essa cuia era do tamanho deste mundo. Acompanhava um enorme cigarro.

Wãhti Bisiu engoliu todo o caxiri, sem deixar nenhum pingo. Depois de algumas horas, Wãhti Bisiu estava tonto. Pediu que eles trouxessem paris de iniciação ( amoã imisá), porque agora ele ia entregar os ossos dos filhos deles. Depois perguntou:

— Por que eles não cumpriram minhas ordens?

Os Umukori Mahsã foram trazendo e esticando os paris bem na frente de Wãhti Bisiu, esticando-os na forma de um jirau. Vendo eles estenderem os paris, levantou-se vomitando. Saíram todos os ossos que ele tinha engolido.

Terminando, disse aos pais dos meninos:

— Agora entrego os ossos dos seus filhos. Por isso vou fazer a cerimônia de dança kapiwaia.

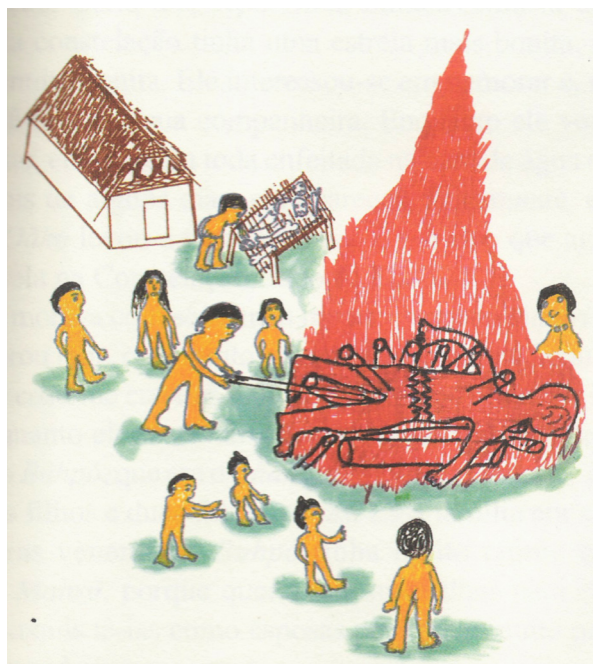
Eles concordaram com a idéia e foram oferecendo mais caxiri e cigarro, para que ele ficasse muito bêbado, até cair. Wãhti Bisiu começou a dançar kapiwaia. Ao entardecer, pelas cinco horas, terminou sua dança. Estava tão bêbado que não tinha mais forças.

Vendo-o assim, mandaram acender o fogo.

Quando o fogo estava enorme e com brasas, levaram-no, puxado pelos dois braços, até perto do fogo. Chegando ali o empurraram dentro do fogo. Ele caiu de barriga e com os braços esticados. Com isso o fogo e o volume de sua brasa aumentaram. Wãhti Bisiu queimou-se totalmente, todo seu corpo ficou em chamas. De repente, saiu do fogo uma voz que exclamava:

— Vira as minhas costas!

Seria engano que ele estava falando de dentro do fogo? Todos correram, pegaram um pau comprido e tocaram no corpo dele. Com certeza ele se virou por si mesmo...Na mesma hora fez um grande barulho na maloca de pedra branca, tuuuuu. Ele voltava com seu espírito.



## ANÁLISE

### *Avô do Universo*

Assim como no mito judaico-cristão, há na mitologia tukano um Deus-criador, Avô do Universo, que cria o mundo por partes e vendo que tudo estava dando certo, prosseguiu a criação dando nomes às coisas e, na primeira criação dos seres humanos, os fez segundo sua aparência. Como ocorre semelhantemente no trecho do Gênesis ( Bíblia, 1997) que segue:

“No princípio, criou Deus os céus e a terra.

A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

Disse Deus: Haja luz; e houve luz.

E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas.

Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia.

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas.

Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez.

E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve manhã e tarde, o segundo dia.

Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez.

À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares. E viu Deus que isso era bom.

E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez.

A terra, pois, produziu relva, ervas que davam sementes segundo a sua espécie e árvores que davam frutos, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

Houve tarde e manhã, o terceiro dia.

Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, dias e anos.

E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez.

Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas.

E os colocou no firmamento dos céus para alumiar a terra, para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom.

Houve tarde e manhã, o quarto dia.

Disse também Deus: povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus.

Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas

espécies. E viu Deus que isso era bom.

E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves.

Houve tarde e manhã, o quinto dia.

Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez.

E fez Deus os animais selváticos, segundo a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.

E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez.

Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.

Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo seu exército.

E, havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda sua obra que tinha feito.

E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.” ( Bíblia, 1997,Gn,1,2)

Dessa forma, o deus judaico-cristão e o Avô do Universo são representantes do arquétipo do “velho-sábio” que está ligado para Jung, segundo Pieri (2002), ao “Mana”, um conceito de potência ou energia que está sempre ligado ao sagrado.

O conceito de Mana se desdobra em diversas perspectivas conforme os pontos de vista.

Do ponto de vista histórico-evolutivo está ligado à libido, ou seja, atividade psíquica em geral. Do ponto de vista histórico-comparativo assume o caráter de “impressionante” e se subdivide em: animismo; espiritismo; teoria da religião; na psicologia dinâmica; nas ciências em geral.

No animismo, em que todas as coisas da natureza são animadas, ou seja, dotadas de alma. O que as anima é o Mana, em caráter de energia vital. Nesse caso, o Mana assume também o caráter de “extraordinário”.

No espiritismo, em que a alma dos falecidos assumem posições angelicais ou demoníacas em suas manifestações.

Na teoria das religiões, em que Deus e sua energia é o Mana.

Na psicologia dinâmica em oposição à psicanálise, pois o falo deve ser compreendido enquanto símbolo e quando aparece oniricamente ser interpretado como o “Mana criador”, ou seja, um elemento extraordinariamente eficaz.

Nas ciências em geral, não apenas como uma característica peculiar do pensamento primitivo, mas como substância e causa.

Já na crítica gnosiológica, o Mana é a forma a priori que “ condiona universalmente todo o conhecimento específico de algo que tenha essencialmente o caráter da potência significativa” (Pieri, 2002, p.304).

Para a língua Kiswahili, Mana é ‘significado, importância’. É algo externo ao homem, uma energia que atua independente à atividade do mesmo. Através da atribuição de poder a algo externo a si, é produzido o efeito curativo. Neste sentido, o Mana simboliza o nascimento de uma alteridade com a eficácia de “remédio” para os males da humanidade.

### ***Duhigó***

Duhigó comete um ato de transgressão ao entrar no cercado de pari e comer ipadu da cuia de gerar a humanidade. Dessa forma, acaba engravidando, mas como uma forma de “castigo”, não possuía vagina para poder dar à luz.

O tema da transgressão é muito recorrente nas mitologias e sempre acabam por transformar o curso do destino, trazendo consequências para os praticantes do ato em forma de castigo. Como no mito de Adão e Eva, e o mito de Prometeu.

### **Adão e Eva**

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu.

Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si...

Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.

O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.

E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da vida.” ( Bíblia, 1997, Gn, 3).

### **Prometeu**

“ Quando se discerniam Deuses e homens mortais em Mecona, com ânimo atento dividindo ofertou grande boi, a trapacear o espírito de Zeus: aqui pôs carnes e gordas

vísceras com a banha sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi, ali os alvos ossos do boi com dolorosa arte dispôs e cobriu-os com a brilhante banha...

E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:

'Filho de Jápeto, o mais hábil em seus desígnos, ó doce, ainda não esqueceste a dolorosa arte!'. Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios, depois sempre desse artil lembrado negou nos freios a força do fogo infatigável aos homens mortais que sobre a terra habitavam.

Porém o enganou o bravo filho de Jápeto: furtou o brilho longevivo do infatigável fogo em oca férula; mordeu fundo no ânimo a Zeus tonítuo e enraivou seu coração ver entre os homens o brilho longevivo do fogo...

E prendeu com infrágeis peias Prometeu astucioso, cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna, e sobre ele incitou uma águia de longas asas, ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite todo igual o comera de dia a ave de longas asas." ( Hesíodo, 2006, p. 129)

O ato da transgressão dessas figuras míticas acarretam numa transformação, que para a psicologia junguiana seria a transição psíquica de um estado a outro. Dessa forma, Duhigó passa a ser a nova geradora dos seres humanos; Adão e Eva passam a ter o conhecimento do bem e do mal, assim como os humanos beneficiados por Prometeu.

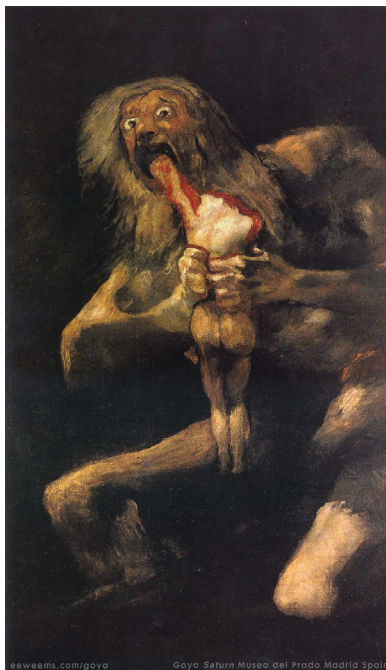
O mito vem representar como foi a transição do estado psíquico de um determinado povo. Pois, só existe a possibilidade de se encontrar um sentido para um estado psíquico tendo outro como referencial. A mudança ocorre continuamente, sempre havendo como base a relação de causa e finalidade para tal transformação.

O símbolo produzido coletivamente no mito, tem o potencial de agir nesse processo de transformação, por ser a porção representativa que faz o tratamento transformador do inconsciente. E que através das imagens produzidas, há a percepção da consciência.

### ***Wãhti Bisiu***

Há uma passagem no mito Tukano em que se pode fazer um paralelo com o arquétipo de Crono. Duhigó estava tendo as dores do parto quando dormiu e Avô do Universo lhe abriu uma vagina, a criança que nasce, cai dentro da cuia, chorando e dizendo: - "Oieieieiei aure bagu". O que significa em língua desana, "comerei meus parentes". Quando essa criança cresce, se torna Wãhti Bisiu e pede aos seus companheiros cinco meninos, dizendo que iria cuidar deles. Mas seu plano era comê-los, e chegou a fazer isso com quatro, apenas um menino escapou e enganou Wãhti Bisiu por muito tempo, até que conseguiu fugir de sua maloca se transformando em pássaro e arquitetou sua morte com os outros moradores da aldeia, que antes vomitou os ossos dos outros meninos.

Crono também comia seus parentes como conta a passagem de Hesíodo ( 2006).



Francisco Goya - Saturno devorando um filho -  
Museo do Prado - Madri

“Réia submetida a Crono pariu brilhantes filhos: Héstita, Deméter e Hera de áureas sandálias, o forte Hades que sob o chão habita o palácio com impetuoso coração, o troante Treme-terra e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens, sob cujo trovão até a ampla terra se abala.

E engolia-os o grande Crono tão logo cada um do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos, tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas não tivesse entre os imortais a honra de rei. Pois soube da Terra e do Céu constelado que lhe era destino por um filho ser submetido apesar de poderoso, por desígnios do grande Zeus. E não mantinha vigilância de cego, mas à espreita engolia os filhos. Réia agarrou-a de longa aflição. Mas quando a Zeus pai dos Deuses e dos homens ela devia parir, suplicou-lhe então aos pais queridos, aos seus, à Terra e ao Céu constelado, comporem um ardil para que ocultasse o filho, e fosse punido pelas Erínias do pai e filhos engolidos o grande Crono de curvo pensar. Eles escutaram e atenderam a filha querida e indicaram quanto era o destino ocorrer ao rei Crono e ao filho violento ânimo. Enviaram-na a Licto, gorda região de Creta, quando ela devia parir o filho de ótimas armas, o grande Zeus, e recebeu-o Terra prodigiosa na vasta Creta para nutri-lo e criá-lo. Aí levando-o através da veloz noite negra atingiu primeiro Licto, e com ele nas mãos escondendo-o em gruta íngreme sob o covil da terra divina no monte das Cabras denso de árvores. Encueirou grande pedra e entregou-a ao soberano Uranida rei dos antigos Deuses. Tomando-a nas mãos meteu-a ventre abaixo o coitado, nem pensou nas entranhas que deixava em vez de pedra o seu filho invicto e seguro ao porvir. Este com violência e mãos dominando-o logo o expulsaria da honra e reinaria entre imortais.

Rápido o vigor e os brilhantes membros do príncipe cresciam. E com o girar do ano, enganado por repetidas investigações da Terra, soltou a prole o grande Crono de curvo pensar, vencido pelas artes e violência do filho. Primeiro vomitou a pedra por último engolida. Zeus cravou-a sobre a terra de amplas vias em Delfos divino, nos vales ao pé do Parnaso, signo ao porvir e espanto aos perecíveis mortais.

E livrou das perdidas prisões os tios paternos Trovão, Relâmpago e Arges de violento ânimo, filhos de Céu a quem o pai em desvario prendeu; e eles lembrados da graça benéfica deram-lhe o

trovão e o raio flamante e o relâmpago que antes Terra prodigiosa recobria. Neles confiante reina sobre mortais e imortais.”( p. 127) \*

O simbolismo de comer para a psicologia analítica significa a incorporação do outro, introjeção dos seus aspectos importantes.

Um detalhe interessante é que Wāhti Bisiu recebe cinco crianças para “cuidar” e Crono engole cinco filhos antes do nascimento de Zeus, recebendo uma pedra para ser engolida no lugar do mesmo, depois que Zeus cresce o faz vomitar a pedra e seus irmãos. Assim como Wāhti Bisiu vomita os ossos dos meninos da tribo que havia engolido e termina sua dança às cinco horas.

O número cinco significa para Chevalier ( 2006) a união, o centro da harmonia e do equilíbrio. Simbolizando o casamento do princípio celeste, 3, e do princípio terrestre da mãe, 2. O cinco representa muitas coisas, como os cinco sentidos, as cinco cores, cinco tons, cinco metais, cinco vísceras, cinco orientes, cinco regiões do espaço, as cinco formas sensíveis da matéria, ou seja a totalidade do mundo sensível.

O cinco é o número símbolo do homem, com seus dois braços, duas pernas e o centro. O cinco representa o microcosmo em relação ao seis que é o macrocosmo, do homem individual ao homem universal, respectivamente. É o número da Terra, com seus quatro pontos cardeais e o centro, como o universo manifestado. É o casamento do yin e yang, entre o dois-Terra e o três-Céu.

Em muitas outras culturas o cinco é um número significativo, como no hinduísmo em que o dois é o representante feminino e o três o masculino, sendo a resultante o princípio da vida, é o número do Xiva transformador, o Senhor do Universo, que domina as cinco regiões. Essa divindade, por vezes, é representada com cinco fases.

Para o budismo japonês, o cinco é a perfeição integrada, pois, para eles, existem cinco orientes ( os quatro pontos cardeais e o centro); cinco elementos ( terra, água, fogo, vento, espaço); cinco cores; cinco qualidades de conhecimento que Buda atingiu em seu estado de iluminação.

São cinco os deuses fundamentais do panteão celta. Na América Central, o cinco é uma cifra sagrada no período agrário, o qual é o símbolo do deus do milho. No Popol-Vuh, há uma morte iniciática dos Deuses Gêmeos do Milho que ressuscitam cinco dias depois de terem suas cinzas jogadas na água. Já para os mexicanos, Quetzalcoatl descansa quatro dias no inferno para renascer no quinto. Sendo para eles, o número do mundo presente após quatro esboços da criação.

Para os peruanos, tudo ocorria após cinco dias. O alimento amadurecia cinco dias após semeado; os mortos não eram enterrados antes de cinco dias, pois havia a crença de que ressuscitariam nesse período, e seu espírito reapareceria em forma de mosca. O seu deus Paryacaca, nasce de cinco ovos com a forma de cinco mulhafaes, como é o deus das água e dos raios, faz chover simultaneamente em cinco lugares diferentes e distribue relâmpagos das cinco regiões dos céus.

Para melhor se entender o ato de Wāhti Bisiu e Crono, após a comparação simbólica do cinco, analisarei a dimensão dos significados da criança.

A criança é o representante da inocência, um estado anterior ao pecado, símbolo da simplicidade natural e da espontaneidade. Para o taoísmo, apesar da avançada idade, as pessoas deveriam ter o frescor da criança, pois não teriam pensamentos dissimulados. Na tradição hinduísta o estado da infância é denominado balya, uma parábola ao Reino dos Céus, pois ainda não haveria

o conhecimento.

No cristianismo, existem passagens em que, Jesus diz que o Reino dos Céus será daqueles que se tornarem crianças para recebê-lo. Constantemente as representações dos anjos são semelhantes as crianças para transmitir a inocência e a pureza de espírito.

Sob esse ponto de vista, pode-se construir a hipótese de que Wãhti Bisiu ao querer castigar os moradores da aldeia por haverem iniciado as festas antes do tempo, pediu as crianças em sacrifício, sem que elas soubessem de sua real intenção. Assim, ao comê-las, estaria incorporando a inocência, frescor e espontaneidade da tribo, representadas pelas cinco crianças que ele recebe como símbolo do número da perfeição que elas contêm em sua essência.

## CONCLUSÃO

Como sempre tive interesse sobre a temática indígena, fazer esse trabalho foi muito prazeroso para mim. As lendas e folclores amazônicos fazem parte da minha constituição como sujeito, pois desde pequena ia à Belém do Pará visitar a terra dos meus ancestrais e ficava encantada com o mercado do Ver-o-Peso, com seus amuletos de olho de boto para dar sorte na vida sexual devido a lenda de que o boto se tornava um rapaz atraente à noite e vinha seduzir as donzelas das aldeias ribeirinhas. Além dos banhos e infusões que existem para cada tipo de problema, algumas coisas da sabedoria indígena são usadas até hoje pela população como remédios eficazes. Cresci vendo minha avó usar andiroba e copaíba para vários problemas como inflamações, baques e outras coisas, mas sempre obtendo um bom resultado. Assim, pude adentrar mais ainda no universo amazônico com o estudo dessa mitologia.

Dessa forma, através do estudo realizado, conclui-se que no mito há a demonstração do inconsciente coletivo que se expressa através de arquétipos que trazem convergências temáticas dos seres humanos.

Pois, o mito é uma forma autônoma de pensamento e organização cognitiva do mundo, trazendo com os símbolos a maneira que o homem encontrou para explicar o mundo e o que espera do mesmo. Com o poder imaginativo do ser humano, o mito se inscreve em outra ordem, diferente do conhecimento racional, que traz em si núcleos de significados inconscientes.

O inconsciente coletivo difere do pessoal por não ser constituído de aquisições pessoais, em que se reprime determinados conteúdos, fazendo com que nesse inconsciente existam conteúdos que já foram conscientes, mas que, por algum motivo, se tornaram inconscientes.

Ao contrário do inconsciente pessoal, o coletivo tem conteúdos que nunca foram conscientes, mas que são herdados através das gerações, que são os arquétipos. Acessíveis à nós através dos símbolos que veicula. Os arquétipos são energias que aparecem em nós através de pensamentos, emoções, invenções, descobrimentos como vocações, sendo primordiais e constituídos de formas preexistentes.

*“O arquétipo é uma possibilidade de representação, isto é, uma disposição para*

*reproduzir representações típicas, correspondentes às experiências que a humanidade fez no processo de desenvolvimento da consciência”.* (Pieri, 2002, p.45)

Assim sendo, percebemos na comparação entre os mitos que existem arquétipos em comum, representações tipificadas de vida e explicação do mundo. Pois, há um substrato comum à todos os seres humanos, o inconsciente coletivo, que oferece modelos invariáveis, imperecíveis e universais à imaginação humana.

Dessa maneira, acredito ter cumprido o objetivo do trabalho de haver comparado as mitologias e encontrado os arquétipos correspondentes entre elas. Além de entrar em contato com uma narrativa tão rica que faz parte do inconsciente que circunda o imaginário brasileiro.

Tendo em vista de que essas narrativas se referem aos padrões básicos de existência, que dizem respeito não só a própria existência humana como de todo o cosmo. E que os mitos e deuses resultantes da narrativa, são projeções arquetípicas em nós.

Só pude fazer essa análise porque, para mim, esses mitos estão mortos, não são realidades vivas e, dessa forma, não tenho uma identidade arcaica com eles. Isso seria uma conformidade psicológica, sendo um fenômeno sempre inconsciente, pois não haveria uma distinção entre sujeito e objeto, dessa forma o sujeito se vê inserido no mito e acredita que sua explicação da cosmogonia é real, assim como o motivo da sua existência. Segundo, Von Franz (2003) essa identidade arcaica é uma característica das sociedades primitivas e a base de uma participação mística, que ocorre no inconsciente primordial. Assim, consegui analisar o mito como simples narrativas que oferecem imagens do inconsciente coletivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

**BÍBLIA SAGRADA.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

**BÔAS, Orlando Villas** – A arte dos pajés: Impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano. São Paulo: Globo, 2000.

**BORGES, Luís Carlos ; GONDIM, Lourdes** – O saber no mito: Conhecimento e inventividade indígenas. Rio de Janeiro: Teatral, 2003.

**CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain** - Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

**CUNHA, Antônio Geraldo** - Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

**ELIADE, Mircea** – Mito e Realidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

**FRANZ, Marie Louise Von** – Mitos de Criação. São Paulo: Paulus, 2003.

**HESÍODO-** Teogonia: A origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2006.

**JUNG, Carl Gustav** - A natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 1971.

**JUNG, Carl Gustav** - Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1988.

**JUNG, Carl Gustav** - Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis:Vozes, 2000.

**JUNG, Carl Gustav** -O Eu e o Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1987.

**JUNG, Carl Gustav** -O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

**JUNG, Carl Gustav** - Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1998.

**JUNQUEIRA, Carmem** – Antropologia Indígena: Uma introdução, História dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: EDUC, 2002.

**ÑAHURI ( AZEVEDO, Miguel ); KUMARÕ (AZEVEDO, Antenor Nascimento)-** Dahsea Hausirõ Porá ukushe wiophesase merã bueri turi: Mitologia sagrada dos Tukano Hausirõ Porá. Amazonas: Unirt/Foirn, 2003.

**PIERI,Paolo Francesco et al.-** Dicionário Junguiano. São Paulo: Paulus,2002.

**REICHEL – DOLMATOFF, Gustav** – Desana – Simbolismo de los Indios Tukanos de Vaupés. Santiago: Universidade de los Andes, 1968.

**URBINA, JOSÉ ANTONIO-** El Prado. Madrid: Scala Books, 1997.